

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



**São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012**

“DIREÇÃO ESPIRITUAL”: A PROPAGAÇÃO DA HOMOFOBIA DISSIMULADA NO DISCURSO RELIGIOSO MODERNO

Fátima Bezerra Negromonteⁱ

Eixo Temático 14: Educação, Sexualidade e Direitos Humanos

RESUMO

O discurso religioso na sociedade contemporânea, assim como em outros períodos históricos, continua promovendo a hierarquização das sexualidades, proclamando a superioridade da heteronormatividade, estabelecendo o que é natural/divino e o que é anormal/diabólico. Cada vez mais, líderes religiosos disputam espaços nas mídias, principalmente na televisão, para alertar sobre o perigo da “devassidão pecaminosa” das uniões homoafetivas. Nessa perspectiva, buscamos, através deste artigo, fomentar o debate acerca da eficiência dessas mensagens homofóbicas, as quais são assimiladas por uma considerável parcela da população brasileira como verdades absolutas. Nosso estudo analisa o discurso do Padre Fábio de Melo, no seu programa televisivo “Direção Espiritual”.

Palavras-chave: homofobia; manipulação; dissimulação; discurso; desinformação.

ABSTRACT

The religious discourse in contemporary society, as well as in other historical periods, continues to promote the hierarchy of sexualities, proclaiming the superiority of the heteronormativity and establishing what is natural/divine and what is abnormal/evil. The number of religious leaders that has disputed time and space in the media has increased, especially for TV programs. The spiritual leaders strongly search to warn families of the danger of homosexual relationships, which they believe to be great sins against nature. On the other hand, some segments of the Catholic Church have updated their speeches, adopting modern ways of speaking, seeming to be tolerant and respectful. From this perspective, the aim of this paper is to analyze the effectiveness of the famous Priest Fábio de Melo’s speech.

Keywords: homophobia, manipulation, discourse; misinformation.

1. INTRODUÇÃO

A religião ocupa uma posição altamente relevante na formação cultural e na vida cotidiana do povo brasileiro. Igrejas de diversas denominações religiosas proliferam em toda parte do Brasil, buscando atrair novos adeptos, através de discursos bem elaborados dirigidos a públicos específicos. Observa-se que os discursos religiosos ratificam a hierarquização das sexualidades, asseverando a normalidade e a superioridade da heteronormatividade. Em discursos desta natureza são utilizados recursos retóricos visando à produção de efeitos de sentidos desejados pelo orador, junto ao seu público. Podemos afirmar que o discurso religioso, impregnado de normas morais e exigibilidade de condutas, é assimilado pelo sujeito, desprovido da prática da reflexão crítica e autonomia pensante, como verdade absoluta e, portanto, inquestionável. Por conseguinte, ele produz reações no estado psicológico do indivíduo e, ao mesmo tempo, ratifica o *status quo* religioso na sociedade. Em outras palavras, ele se constitui em obstáculos para a construção do pensamento crítico/reflexivo e do desenvolvimento intelectual do sujeito, contribuindo, portanto, para a escravidão do pensamento individual e coletivo.

Nesse estudo assumimos um enfoque crítico, alicerçado na análise do discurso para ressaltar o poder do discurso religioso como mecanismo ideológico de sustentação e manutenção da discriminação contra sujeitos homoafetivos, fato que se configura em atentado contra os direitos humanos. Acreditamos que o poder da manipulação exercido pelos religiosos, através de seus discursos moralistas e paternalistas, deve ser investigado pelos diferentes campos das ciências humanas, pois assim podemos compreender as origens e as formas de perpetuação da homofobia e das outras formas de preconceitos, fabricados socialmente, sob o controle e monopólio das diversas instituições sociais, ao longo da história.

Salientamos que o fenômeno da homofobia está profundamente alicerçado na nossa cultura e faz parte da cena contemporânea de todas as classes sociais e em todas as instituições. Nesse contexto, podemos evidenciar que as diversas instituições religiosas, sobretudo as cristãs, que são majoritárias no Brasil, têm se destacado na propagação da estigmatização e da discriminação contra os sujeitos homoeróticos. Com o avanço das novas tecnologias o discurso homofóbico tem extrapolado os limites dos muros das igrejas para penetrar o espaço privado dos lares, principalmente através da televisão e da internet, desconsiderando a laicidade do Estado e incutindo na população que a homoafetividade é um pecado contra a lei da criação divina e, portanto, deve ser combatida. Assim, tem influenciando sobremaneira a formação de crenças, ideias e opiniões das massas. Este fato é evidente, sobretudo, entre os indivíduos que atravessam a vida sem ter a oportunidade de

reconhecer e identificar os verdadeiros vetores de manipulação, os quais lhes são impostos como forma de controle social.

Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo analisar o discurso e a postura do padre Fábio de Melo, que também é escritor e cantor e tem grande popularidade no cenário católico da contemporaneidade, em uma de suas atuações no programa *Direção Espiritual*. O referido programa, desde alguns anos, vem sendo transmitido ao vivo, semanalmente, pela emissora católica *Canção Nova* para todo o Brasil, inclusive para países da América do Sul e outros continentes. Em cada programa Padre Fábio aborda temas relacionados a conflitos psicológicos e problemas do cotidiano vivenciados pelos seus telespectadores, que lhe enviam mensagens via internet ou por telefone. Nos seus aconselhamentos ele é muito acolhedor, compreensivo e dócil com aqueles que se apresentam em situações de sofrimento, rompendo com os tradicionais discursos da Igreja Católica, que preconizam, como solução dos problemas emocionais, a purificação dos pecados através do arrependimento e da penitência.

O programa selecionado, para este estudo, foi exibido em 2009. Mas, ainda continua exercendo denso poder de persuasão junto aos internautas, pois está disponível no site *YouTube*, que é acessado por milhares de pessoas em diferentes partes do mundo. Ressaltamos que este site potencializa e multiplica a audiência de seus vídeos de forma instantânea e globalizada, pois permite que os usuários assistam e os compartilhem nas redes sociais. Assim, ele rompe, de forma fenomenal, as barreiras do tempo e do espaço. Portanto, apesar do discurso em pauta ter sido proferido já há alguns anos, ele está disponível para ser acessado a qualquer hora e lugar.

Este texto está dividido em duas partes intituladas: “os lugares do discurso do Padre Fábio” e “as mensagens endereçadas ao padre Fábio de Melo”.

2. OS LUGARES DO DISCURSO DO PADRE FÁBIO

A análise de um discurso requer atentar para dois pontos fundamentais: o enunciado e a argumentação. Segundo Mosca, as projeções do sujeito da enunciação definem o desenvolvimento da argumentação, por conseguinte as teorias da enunciação representam a base para todo e qualquer enfoque retórico (Mosca, 199, p. 220). O enunciador elabora um discurso para que o enunciatário acredite e assimile sua mensagem. Nesse processo ele vai considerar as crenças, os valores, e expectativas da plateia, buscando levar o enunciatário à aceitação de suas sugestões. Desse modo, o orador atua de forma contextualizada com a

situação a qual está inserido, ou seja, em consonância com a realidade do seu interlocutor. Ele utiliza a linguagem não apenas como um veículo de transmissão de informações, mas também como um lugar de interação, no qual ele arquiteta, a partir de seu discurso, uma representação de si para exercer influência sobre seu destinatário, o que em pragmática é denominado de “*Ethos*”, que não corresponde, necessariamente, ao verdadeiro caráter do enunciador. De acordo com Ruth Amossy, “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si (Amossy, 2005, p. 9)”.

O discurso persuasivo tem um caráter manipulador, pois intenciona provocar convencimento e adesão do interlocutor. O autor e protagonista do programa *Direção Espiritual* ao proferir o seu discurso social/ideológico/midiático, assume uma identidade de pai, diretor espiritual, centralizando e estabelecendo sentidos ideológicos às situações apresentadas. O cenário do seu programa é bastante adequado para o tipo de expectativa que se pretende criar no interlocutor: uma confortável sala de estar com duas poltronas, um quadro na parede, uma planta, e um centro, no qual ficam expostos seus livros, CDs e DVDs. Ou seja, a disposição do mobiliário e a decoração são semelhantes à de uma casa. Assim, cria-se uma sensação de pertença ambiental, ou seja, telespectador/filho se sente na casa paterna, ouvindo os sábios conselhos de alguém muito próximo, o seu pregador/pai. O sacerdote usa um tom solene, compreensivo, fala pausadamente, sempre olhando diretamente para as câmeras, tentando alcançar o olhar dos seus telespectadores, como se estivesse no interior dos seus lares. Assim, ele consegue criar um ambiente de intimidade e estabelecer uma relação de confiabilidade com estes, ratificando que, “um sujeito, ao enunciar, presume uma espécie de ritual social da linguagem implícito, partilhada pelos interlocutores” (Maingueneau, 1997, p. 30).

Em qualquer situação discursiva, o processo de persuasão implica haver credibilidade. O fato de Melo ser padre é um elemento preponderante para despertar confiabilidades e legitimar sua autoridade entre os seus milhares de seguidores católicos. Sabemos que há padres, como líderes de outras religiões, que têm comportamentos e atos de linguagem extremamente autoritários. Mas, este não é o caso do apresentador do Programa “*Direção Espiritual*”, ao contrário ele se mostra protetor, compreensivo, amoroso. Por exemplo, várias vezes, durante o programa, ele se dirige a Eva Maria, autora de uma das mensagens enviadas, como “minha filha” com um tom muito carinhoso. Mas, ao mesmo tempo, como padre, de forma muito sutil, ele se posiciona em uma posição superior, assumindo uma postura hierárquica, reafirmando o status que lhe foi conferido pela Igreja, assim muitos assimilam as

suas opiniões como verdades inquestionáveis. Desta forma, por vezes, em tom suave, fala no imperativo, determinando como seu interlocutor deve se portar diante de um sujeito homoafetivo: “você tem que encontrar o jeito certo de estar ao lado de seu filho...”; “seja misericordioso como o homossexual”. Desta forma, através de estratégias de discurso ele constrói uma eficiente comunicação com o seu telespectador, reafirmando a sua identidade social e reiterando o discurso da instituição da qual ele faz parte.

3. AS MENSAGENS ENDEREÇADAS AO PADRE FÁBIO DE MELO

O programa inicia com o apresentador propondo responder duas mensagens de seus telespectadores: a de Eva Maria, que lhe indaga sobre como lidar com o homossexualismo dentro de casa e a de um jovem, de vinte e três anos que, ao contrário da telespectadora não é nomeado, lhe implora ajuda por ser homossexual, se sentir muito infeliz e pensar até em suicídio. Este recurso de começar seu discurso a partir de fatos concretos, mensagens do público, serve como uma esteira que lhe confere credibilidade e familiaridade com o auditório. Pois, as situações apresentadas, uma senhora conturbada com o fato de ter um homoafetivo na sua família e um jovem desesperado por se sentir homossexual, fazem parte do cotidiano de milhares de seus telespectadores, além de atrair a atenção daqueles que têm amigos homossexuais e de se tratar de um tema que desperta curiosidade de maneira geral. Em outras palavras, há uma identificação do interlocutor com o orador. Nesse sentido, podemos afirmar que a escolha das mensagens, selecionadas pelo sacerdote, lhe proporciona elaborar argumentos que serão aceitos e aprovados pela plateia.

3.1. “COMO AGIR COM O HOMOSSEXUALISMO DENTRO DE CASA?”, EIS A QUESTÃO.

A maneira como Maria Eva elaborou a sua pergunta e a forma como o Padre Fábio a administrou já nos transmitem informações importantes quanto às convicções ideológicas da telespectadora e do apresentador. Nos chama a atenção o emprego da palavra “homossexualismo”, que, atualmente, é evitada no discurso contemporâneo por ser considerada um termo “politicamente incorreto” devido ao fato do sufixo *ismo* apresentar, entre as suas diversas possibilidades de uso, a conotação de condição patológica. Evidentemente, o emprego da palavra não está errado, mas considerando o contexto das reivindicações do movimento GLBT e o fato daquela transmissão focar este público e seus familiares, a escolha desta palavra representa uma posição contra a intenção dos reivindicadores em se desvincularem daquela significação. Observa-se que a substituição do

termo homossexualismo por homossexualidade tem contribuído para ressignificar aspectos políticos, históricos, culturais e ideológicos; desvinculando a relação entre homossexualidade e patologia, e levado a questão para o âmbito da diversidade e da construção de identidade de gênero. Nesse contexto, causa certa estranheza o fato do padre não fazer nenhuma alusão as duas palavra. Pelo contrário, ele próprio usa e repete a palavra “homossexualismo”, com muita veemência, durante toda a sua apresentação. Ou seja, ele prefere manter o seu público à margem da informação no que concerne a diferenciação entre os dois termos. Acreditamos que no contexto de um programa religioso, que tem como meta ajudar as pessoas através de aconselhamentos, a omissão de informação é um mecanismo de manipulação, pois permite que o outro permaneça imerso em um processo de alienação e ignorância.

Subjacente à pergunta enviada está implícito que o termo “homossexualismo” substitui o nome ou o parentesco que este indivíduo mantém com Maria Eva, a interlocutora do padre. Nesse sentido, percebe-se a desqualificação do sujeito, como um(a) filho(a), uma mãe, um pai, um irmão, uma irmã, um(a) sobrinho(a), como pessoa que age, pensa, fala, etc., para torná-lo em algo, que se enquadra na dimensão semântica do termo homossexualismo. Este processo de “coisificação do sujeito” o faz mergulhar totalmente na invisibilidade e, por conseguinte, atinge o seu autoconceito, a sua autoimagem e a sua autoestima. Ou seja, nesse caso, o uso desta palavra indica uma concepção patológica, no qual o sujeito é visto apenas pela sua identidade sexual, desprovida de sua condição de pessoa. A omissão do padre em enfatizar a forma impessoal como a sua expectadora lhe coloca a questão é muito significativa.

Na incerteza do parentesco mantida pela pessoa homoafetiva com sua interlocutora, o sacerdote ressalta que provavelmente trata-se de uma mãe tentando entender como lidar com o filho e direciona a sua resposta à suposta genitora e aos pais de filhos homoeróticos em geral.

Considerando que a pessoa a qual Eva Maria, pretende aprender a conviver seja realmente um filho, levantamos o seguinte questionamento: há diferentes formas de lidar com filhos heterossexuais e filhos homoafetivos? Existe uma receita especifica para tratar um filho homossexual? A resposta para as duas perguntas nos parecem óbvias, e enfatizam que o questionamento colocado pela mãe traz em seu bojo um discurso discriminatório, no qual o sujeito que não se adequa as normas pré-estabelecidas é visto como anormal.

O procedimento do padre, por sua vez, ao responder uma pergunta preconceituosa, sem fazer nenhum comentário em relação à natureza desta, não apenas legitima a discriminação da mãe contra o filho, mas ele próprio se mostra adepto da mesma concepção, que preconiza a inferioridade do sujeito homoafetivo. Eis uma de suas colocações:

Primeira coisa, minha filha, não veja isso como a pior coisa do mundo. Uma mãe e um pai levam o filho à perdição no momento em que consideram a homossexualidade como a coisa mais vergonhosa. Não, primeira coisa: retire dos seus olhos esse preconceito horroroso porque às vezes nós jogamos pessoas preciosas fora por causa das opções sexuais delas. Eu não tenho que fazer julgamento nenhum, sabe por quê? Porque a consciência é dela. É ela que está administrando os seus afetos, é ela que sabe o que ela consegue renunciar, o que não consegue, é ela que está administrando as punções sexuais dela, não sou eu que vou chegar e dizer: você tem que viver assim e viver assado. Nós não estamos aqui para julgar, nós estamos aqui para dizer que quando você tiver esse problema dentro da sua casa, que você tenha a sensibilidade de olhar essa pessoa do mesmo jeito que Jesus olharia.

A fala do padre ilustra bem como discursos religiosos, considerados como modernos e tolerantes, são ambíguos e ratificam pensamentos e crenças discriminatórias. Assim, o sacerdote vai reiterando regras de conduta, estabelecidas secularmente pela sua instituição religiosa. O seu discurso, porém, ignora o contexto da sociedade moderna, que, como coloca Bauman, saiu do estado gasoso para o líquido, ou seja, rompeu paradigmas e permitiu que as novas configurações familiares e formas de relações entre os membros de uma família fossem transformadas e ressignificadas por múltiplos processos (Bauman, 2001, p. 13). Isso significa que o discurso do padre, na verdade não se distancia do discurso oficial da Igreja, ou seja, busca a preservação de um padrão sexual que tem como prioridade a procriação e considera as uniões homoafetivas como abomináveis. Colocando em outras palavras, Melo, assim como outros líderes religiosos, busca salvaguardar os princípios teológicos da Igreja.

Seu discurso à primeira vista transparece ser uma argumentação coerente, pois aparentemente está direcionando a mãe a aceitar a sexualidade do filho, e levando-a a pensar afirmativamente em relação ao tema da homoafetividade. Porém, observa-se que o discurso de Melo indica o contrário, pois a premissa de sua argumentação embute a crença de que há coisas bem piores no mundo do que ter um filho gay. Ou seja, seria muito pior ser mãe/pai de um assassino, de um ladrão, de um traficante de drogas, de um pedófilo, de um terrorista, etc. Seguindo o processo dedutivo pode-se concluir que se existem coisas piores e mais vergonhosas do que ter um filho gay, isso significa que tê-lo não é bom, pois ele é diferente, ou seja, ele está à margem. A advertência do religioso para os genitores não jogarem fora seus

filhos por causa de suas opções sexuais ratifica a posição de inferioridade ocupada por estes sujeitos em casa e na sociedade.

Ao se abster de um discurso reprovativo da homossexualidade, o sacerdote transfere para o sujeito homoafetivo a responsabilidade de se autopunir, “eu não tenho que fazer julgamento nenhum, sabe por quê? Porque a consciência é dela”. Assim, indiretamente ele consegue transformar este indivíduo em réu, com a responsabilidade de julgar o seu próprio delito, que é o de não seguir a heteronormatividade e, portanto, renunciar um poder, que lhe foi outorgado por uma sociedade cuja natureza, em sua essência, é predominante falocêntrica.

O discurso homofóbico diluído em argumentação aparentemente isenta de preconceito, diferentemente daqueles extremamente estrondantes, tem um poder muito eficaz de transformar pensamentos e, por conseguinte comportamentos. Na sociedade brasileira contemporânea os discursos afirmativos em prol dos direitos de minorias tais como negros, indígenas e homossexuais estão em constante discursão, tais discursos tornaram-se relativamente “inapropriados” quando desconsideram os legítimos direitos dessas hoje denominadas minorias. Daí o cuidado em escamotear, dissimular o real, verdadeiro discurso que os sujeitos utilizam em contextos de produção como o programa *Direção Espiritual*. Ou seja, é uma espécie de retórica da manipulação, na qual o verdadeiro discurso apresenta-se devidamente mascarado, através de um discurso associada ao respeito, que como enfatiza Louro, parece conduzir, à condescendência, à permissão, à indulgência – atitudes que são exercidas, quase sempre, por aquele ou aquela que se percebe superior. (Louro, 2010, p. 48)

Ao verbalizar “retire dos seus olhos esse preconceito horroroso”, Melo se distancia de comportamentos discriminatórios e, ao mesmo tempo, coloca a sua telespectadora na posição de uma pessoa homofóbica. Ao enfatizar: “nós não estamos aqui para julgar, nós estamos aqui para dizer que quando você tiver esse problema dentro da sua casa, que você tenha a sensibilidade de olhar essa pessoa do mesmo jeito que Jesus olharia”, ele reforça para o seu auditório, que ter um filho homossexual é um problema e, ao mesmo tempo, se coloca de forma benevolente, bondoso, adequando sua mensagem ao evangelho de Jesus, conseguindo, assim, através da emoção e da religiosidade, a adesão do auditório.

A seguir, destacamos mais um recorte da resposta do sacerdote à pergunta de Eva Maria, no qual ele ilustra a sua argumentação citando o depoimento de uma mãe, que ao descobrir que todos os seus filhos eram homossexuais conseguiu amá-los, mesmo eles se identificando nesta opção de gênero.

O mais bonito no testemunho daquela mãe, minha gente, é ela dizendo assim: “padre eu pensei que eu jamais seria capaz de olhar nos olhos deles porque para mim aquilo era uma vergonha, mas aos poucos eu fui descobrindo que o amor que eu tinha por meus filhos era infinitamente superior a qualquer pecado que eles pudessem cometer na vida. Então aquilo que eu considerava um pecado absoluto, absurdo, motivo de condenação eu comecei a retirar aquele véu todo, pesado que eu estava colocando sobre eles e eu quis enxergá-los com os olhos da misericórdia e eu podia padre, ela me dizia, porque eu sou mãe deles”. Não é nada difícil você amar um filho por pior que ele seja. E aí a gente encontra testemunhos bonitos, né, de mães que conseguem acolher os filhos nessa..., *(ele faz uma ligeira pausa)* nessa condição e que conseguem ser para eles um sinal bonito de misericórdia de Deus, conseguem estabelecer com eles uma relação de amizade, de carinho.

Tradicionalmente, na concepção da Igreja Católica a mãe representa a figura suprema do amor, ela está associada à Maria, mãe Divina, que ama o mundo inteiro e é a inspiração dos homens para amar seus semelhantes. Assim o modelo da mãe virtuosa, misericordiosa e santa, deve ser seguido por todas as mulheres, que devem amar seus filhos, até mesmo os homossexuais. É significativo o fato da mãe, citada pelo padre, não ter apenas um único filho homoafetivo, mas sim todos. Seu amor é pleno, absoluto, porque ela consegue amar a totalidade dos seus filhos. Ser mãe de filhos “nessa condição” significa sofrer muito, mas através do seu amor ela consegue “retirar aquele véu todo pesado”, isto é, a raiva, a vergonha, a humilhação, que uma mulher sente de ser mãe de uma pessoa excêntrica, como diz Louro para enfatizar a posição social do sujeito homoafetivo fora do centro, isto é, à margem da sociedade (Louro, 2011, p. 44). Chama-nos a atenção o fato da interlocutora do padre ter como prenome “Eva Maria”, nomes das duas mulheres mais importantes da Bíblia. A primeira, a desobediente, através do seu pecado, foi responsável pela perda do paraíso, o que levou todos nós, seus filhos, a padecer num vale de lágrimas, que é a nossa vida terrena. A segunda, por outro lado, a mãe de Jesus, através de sua castidade e obediência, tornou-se a redentora de toda a humanidade. Seguindo essa lógica, a mulher que não ama seu filho homossexual plenamente está abdicando de sua benção especial dada por Deus, para torna-se uma Eva, uma pecadora da criação divina. E, por outro lado àquela que segue o modelo de Maria, é misericordiosa e, portanto, mesmo sofrendo, consegue amar de forma incondicional o filho homossexual.

Ressaltamos que este discurso contempla inclusive a simpatia de muitos sujeitos homoafetivo, que veem o sacerdote com um líder carismático, que está introduzindo na Igreja uma linha de pensamento afirmativo em relação aos homoeróticos, como ilustra o comentário de um internauta no blog do programa.

Padre, sua benção. Meu nome é Kleyton, não sou cristão, mas navegando pela internet assisti a um vídeo seu onde o senhor estava falando sobre homossexualidade. Fiquei surpreso pela sua posição de respeito ao homossexual, suas palavras foram doces e firmes, desde então sempre que posso assisto aos vídeos de suas mensagens e passei então a respeitá-lo como religioso e posso dizer que em muito tem me ajudado. Confesso que sempre

mantive certa distância e sempre fui adepto de uma crítica mais rude à Igreja Católica, pois a posição que a ala radical da Igreja toma frente à homossexualidade me deixa extremamente triste e de certa forma revoltado. Quero parabenizá-lo pela sua evolução e entendimento da alma humana e dizer-lhe que com seus vídeos sobre a homossexualidade tenho certeza que o senhor ajudou muitos adolescentes católicos e homossexuais a pensarem mais sobre o assunto e não se entregarem ao desespero. Parabéns padre. Deus lhe abençoe ricamente (Publicado no site You Tube em 5 de julho de 2011).

Em suma, para um interlocutor consciente dos direitos do cidadão, de vivenciar sua sexualidade, a premissa do discurso do orador é inconsistente. Por outro lado, ela é bastante convincente e eficiente para o auditório ao qual ele foi endereçado: católicos, que seguem os preceitos bíblicos segundo as interpretações de sua Igreja e que têm plena convicção da veracidade das palavras do seu sacerdote. E de acordo com os diversos comentários postados em diversos blogs, até mesmo sujeitos que não seguem esta religião se sentem amparados no discurso supostamente moderno do sacerdote.

3.2. UM PEDIDO DE SOCORRO

A segunda mensagem, a enviada pelo jovem, tem o seguinte teor: “padre me ajude pelo amor de Deus. Sou homossexual, minha família não sabe, já pensei em suicídio, pois sou uma pessoa muito infeliz, tenho vinte e três anos”. Observa-se que apesar deste se encontrar em uma fase etária, na qual a identidade de gênero do sujeito já está formada e definida ele se encontra imerso num grave conflito psicológico, por não se permitir aceitar a sua sexualidade, circunstância que o faz sofrer, levando-o até mesmo a pensar em suicídio. Este caso ilustra bem a pressão psicológica do indivíduo homossexual no seu meio familiar, situação comumente, vivenciada pelos sujeitos homoafetivos não somente no lar, mas também no trabalho, na instituição escolar, na igreja, etc. Isto causa um desempoderamento do direito do sujeito de exercer a sua sexualidade. Segundo dados do *Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil: o ano de 2011*, 38,2% dos casos de violência contra sujeitos homoafetivos, oficialmente reportadas às autoridades no país, foram praticados por familiares das vítimas. E entre os familiares as mães são responsáveis por 9,5% pelas das ocorrências e os pais 4,5. O mesmo documento informa que 21,1% das agressões aconteceram na casa da vítima. As instituições sociais, como por exemplo, a escola e a religião podem contribuir na conscientização do respeito às diversidades de pensamentos como mecanismo de evitar as diversas formas de violência contra a opção de identidade de gênero do sujeito, no entanto, na

maioria das vezes, segue o viés oposto, corroborando para a construção e o reforço de pensamentos homofóbicos.

Abaixo enfatizamos uma parte do discurso do Padre Fábio, no qual ele enfatiza que a psicologia acredita na reorientação da “tendência” homossexual do sujeito, quando ela é descoberta cedo na vida do indivíduo e ressalta como algo bonito a opção pela castidade.

O que a gente precisa ter diante de nossos olhos é que esta questão precisa ser administrada com amor e com misericórdia. A psicologia consegue, muitas vezes, reorientar essa sexualidade, mas quanto mais cedo você descobre essa tendência da homossexualidade mais fácil é de você reorientar, a psicologia acredita nisso. A gente encontra homossexuais que fazem a opção pela castidade e são pessoas que vivem o dilema todos os dias porque isso não vai passar com o tempo, não é? Bonito é você pensar, que da mesma forma que o padre faz a opção pela castidade, o homem casado também faz a opção pela castidade, mesmo estando casado, não é? Todo isso é opção de renúncia.

As orientações apresentadas pelo padre Fábio, são fundamentadas nos princípios teológicos da Igreja Católica que baseia suas hostilidades contra a homossexualidade na tradição judaico-cristã. O cristianismo, que foi fundada de acordo com a tradição judaica, estabeleceu a heterossexualidade como natural e, portanto, normal. Segundo Borrillo ao associar essa característica de normalidade com a lei divina, o cristianismo implantou, no Ocidente, a homofobia, uma época, completamente nova, jamais praticada por outra civilização (Borrillo, 2010, p. 48). Considerando que o conjunto das escrituras do povo de Israel foi escrito em diferentes contextos sociais, culturais, históricos e geográficos, durante um período entre 1000 a 3000 anos A.C., é natural que a Bíblia seja permeada de textos condenando e amaldiçoando a homossexualidade. Porém, é extremamente atemporal o comportamento de autoridades religiosas da contemporaneidade de ainda perpetuarem este fenômeno. Em referência aos homossexuais, o Catecismo da Igreja Católica enfatiza:

Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves, a tradição sempre declarou que “os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados”. São contrários à lei natural. Fecham o ato sexual ao dom da vida. Não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira. Em casos algum podem ser aprovados. (...) As pessoas homossexuais são chamadas à castidade (Catecismo da Igreja Católica, 2003, p. 610).

Entendendo o discurso como prática social que marca a ação do sujeito no seu contexto social, acreditamos que as direções espirituais do Padre Fábio, propondo e enaltecendo a castidade, são atemporais e conflitantes para um jovem que se encontra em uma situação de desespero devido à sua orientação de identidade de gênero.

Em relação à sua afirmação, que a psicologia consegue reorientar a sexualidade do sujeito verificamos que não é essa a posição do Conselho Federal de Psicologia, que através da Resolução N° 001/99, ratifica que a homoafetividade não é doença e determina que, “os psicólogos não colaborarão com eventos e serviço que proponham tratamento e cura das homossexualidades”. Portanto, a informação não procede.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Focalizamos a ambiguidade do discurso do Padre Fábio de Melo que se apresenta muito transparente, humano, repleto de sentimento religioso, mas embute uma carga ideológica que produz uma resposta comportamental no sujeito que recebe a mensagem. Ao sugerir a um jovem, fragilizado emocionalmente devido a sua identidade de gênero, buscar a castidade como forma de resolver o seu problema e, também, ao ratificar os preconceitos de uma mãe atordoada, que nem sequer consegue admitir ter um filho gay, acreditamos que o Padre Fábio de Melo está deixando de aproveitar a sua grande credibilidade para conscientizar o seu público do grave perigo da homofobia. Nessa perspectiva, reiteramos que discursos religiosos, sobretudo, aqueles vinculados na mídia, que se utiliza de linguagens modernas e atraentes, contribuem para formar pensamentos homofóbicos, que levam o sujeito a praticar atos de violência contra os indivíduos da população LGBT, presentes nos diversos ambientes do convívio social, fato que se caracteriza em desrespeito a democracia e aos direitos humanos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMASSY, Ruth (org.). *Imagens de Si no Discurso. A construção do ethos*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

BRASIL. *Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil: o ano de 2011*. Brasília: Governo Federal, 2012. Disponível em: <http://portal.sdh.gov.br/clientes/sdh/sdh/brasilsem/relatorio-sobre-violencia-homofobica-no-brasil-o-ano-de-2011>. Acessado em 30 de agosto de 2012.

BLOG DIREÇÃO ESPIRITUAL. Disponível em: <http://direcaoespirtual.blogspot.com.br/2009/02/lidando-com-o-homossexualismo.html>. Acessado em 5 de agosto de 2012.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia História e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Editora Vozes, 2003.

FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana; LOURO, Guacira; (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2010.

Lidando com o homossexualismo. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=0-211Yv-YTg>. Acessado em 2 de agosto de 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1997.

MOSCA, L.S. (Org.). *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 1999.

ⁱ Fátima Bezerra Negromonte é Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba e professora do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: negromontefatima@hotmail.com

